



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**MARCELLA AMORIM DE OLIVEIRA**

**INTERAÇÕES, PROTAGONISMO E COLABORAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A  
DISCIPLINA POSITIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Rio de Janeiro,

2022

**MARCELLA AMORIM DE OLIVEIRA**

**INTERAÇÕES, PROTAGONISMO E COLABORAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A  
DISCIPLINA POSITIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à  
Faculdade de Educação da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Maria Bahia Bhering

Rio de Janeiro,

2022

**MARCELLA AMORIM DE OLIVEIRA**

**INTERAÇÕES, PROTAGONISMO E COLABORAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A  
DISCIPLINA POSITIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à  
Faculdade de Educação da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Maria Bahia Bhering

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Maria Bahia Bhering

---

Profa. Dra. Aline Helena Mafra Rebelo

---

Profa. Dra. Elaine Constant Pereira de Souza

## AGRADECIMENTOS

“Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus.” (1 Tessalonicenses 5:18)

Primeiramente, agradeço a Deus por tantas oportunidades incríveis que ele me proporcionou ao longo de toda a vida, mas principalmente ao longo dos últimos quatro anos em que estive cursando a graduação. Sem ele eu não seria quem sou hoje e se eu cheguei até aqui foi porque sua mão me guiou e me manteve forte durante a jornada.

Gostaria de agradecer também a minha família que sempre me apoiou e me deu o suporte necessário para concluir essa fase. Agradeço principalmente a minha avó Leda que levava almoço todos os dias para mim no ponto de ônibus para que eu pudesse comer no caminho para a faculdade, só ela sabe a correria que era sair do trabalho no mesmo horário que precisava estar entrando na sala. Agradeço também aos meus pais, minha mãe por sempre dizer a todos com orgulho sobre a minha conquista, nunca deixando ninguém a menosprezar por não ser um curso como Medicina, Direito ou Engenharia, e ao meu pai por ter sido meu porto seguro e melhor amigo durante todas as crises e problemas que enfrentei ao longo dos últimos anos. É, pai... crescer é mais difícil do que eu pensava mesmo.

Agradeço as minhas amigas, Carol, Gabriela, Larissa, Isabella, entre outros, por estarem comigo nos piores e melhores momentos desta jornada louca que é a vida. Agradeço principalmente ao melhor companheiro de vida que eu pude escolher, Felipe, meu namorado, por me escutar, apoiar e incentivar mesmo a distância durante esses últimos sete anos de nossas vidas.

Agradeço aos professores com quem tive o privilégio de aprender ao longo da graduação. Cada um de vocês foi essencial para a minha formação e minha vontade de exercer com excelência à docência. Agradeço a UFRJ por ser o espaço em que eu pude experimentar novas vivências, conhecer pessoas incríveis com as quais sinto enorme prazer por ter cruzado na vida e que levarei para sempre em meu coração.

Agradeço a minha Orientadora Eliana Bhering por me conduzir ao longo deste processo nada fácil que é a escrita da monografia e as professoras Aline Rebelo e Elaine Constant que

aceitaram fazer parte da minha banca. É uma honra ter cada uma de vocês neste momento especial e decisivo de minha vida.

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma forma marcaram a minha vida e que fizeram e fazem parte desta jornada.

Obrigada!

## RESUMO

O presente estudo, desenvolvido em nível de graduação busca apresentar o conceito da Disciplina Positiva, elaborado por Jane Nelsen, e refletir sobre sua possível interpretação dessa perspectiva no cotidiano da Educação Infantil. Para além de um debate sobre conceitos e perspectivas, esta monografia oferece uma análise sobre a importância de considerarmos a Disciplina Positiva como uma nova ferramenta para que professores e profissionais da educação possam repensar a importância de um ambiente escolar acolhedor, agradável e colaborativo que valoriza as interações, onde as crianças tenham papel ativo, sendo reconhecidas como sujeito de direitos nas tomadas de decisões e solução de problemas. O processo metodológico utilizado para construção do trabalho tem como natureza o método qualitativo, tratando-se de uma pesquisa exploratória formatada pelo método de pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chaves:** Educação Infantil; Disciplina Positiva; Criança.

## ABSTRACT

The present study, developed at the undergraduate level, seeks to present the concept of Positive Discipline, developed by Jane Nelsen, and to reflect on its possible interpretation of this perspective in the daily life of Early Childhood Education. In addition to a debate on concepts and perspectives, this monograph offers an analysis of the importance of considering Positive Discipline as a new tool for teachers and education professionals to rethink the importance of a welcoming, pleasant and collaborative school environment that values the interactions, where children have an active role, being recognized as subjects of rights in decision-making and problem solving. The methodological process used for the construction of the work has as its nature the qualitative method, in the case of an exploratory research formatted by the bibliographic research method.

**Keywords:** Early Childhood Education; Positive Discipline; Child.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	<b>16</b>
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
<b>4. EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIA, CONCEPÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS</b> .....	<b>17</b>
O currículo para a Educação Infantil .....	22
As interações no ambiente escolar da Educação Infantil .....	24
<b>5. DISCIPLINA POSITIVA: EDUCANDO COM AFETIVIDADE</b> .....	<b>25</b>
A relação entre o autoritarismo e a permissividade na Disciplina Positiva .....	27
Os cinco princípios da Disciplina Positiva.....	28
Disciplina Positiva na escola: ferramentas e características da filosofia para educadores .....	31
<b>6. A RELAÇÃO ENTRE A BNCC E A DISCIPLINA POSITIVA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	<b>35</b>
Ferramentas da Disciplina Positiva: sugestões práticas para os profissionais da educação .....	38
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>8. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Acredito que, para proporcionar um entendimento pleno da construção mental que fiz ao longo de minha busca sobre o tema, é necessário que primeiro eu trace uma linha do tempo e dialogue com dois eventos históricos que permeiam a temática de minha monografia, permitindo o entendimento completo e de maneira sequencial das ideias que formaram a base de minha necessidade de escrita sobre o assunto. Pensando nisso, indico que enquanto realiza sua leitura, tente recordar da primeira vez que ouvi falar de cada um dos marcos citados na linha do tempo que apresentarei nos próximos dois parágrafos de minha introdução. Essa indicação peculiar foi gerada a partir de uma conversa com a minha mãe, uma mulher de quarenta e nove anos, que ao ouvir minhas reflexões decidiu me questionar se as datas estavam corretas, uma vez que ela tem a vaga impressão de só ter escutado falar desses eventos recentemente, uma memória de, no máximo, dez anos. Então a cada marco reflita: há quanto tempo eu ouvi falar disso pela primeira vez? Talvez você saiba “de cor e salteado” cada um dos marcos que citarei, talvez eles tenham a ver com sua pesquisa acadêmica de anos, mas talvez esta seja a primeira vez que você tira um momento exclusivo para refletir a duração que estes eventos têm em sua memória.

O primeiro marco histórico desta linha do tempo aconteceu na década de 1960. Inspirado nas formas de lidar com conflitos de grandes líderes mundiais, como Martin Luther King e Gandhi, Marshall Rosenberg, psicólogo estadunidense, desenvolveu a ideia da habilidade social da Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006). Seu interesse por uma forma mais humana de lidar com o outro e com nós mesmos vem de sua experiência pessoal ocorrida na infância. No ano de 1943, sua família se muda de Ohio para Detroit nos Estados Unidos em meio ao caos de um conflito racial. Seus enfrentamentos, no entanto, não perpassaram pelo viés racial e sim religioso, uma vez que o mesmo sofreu violência física ao final de uma aula por ser judeu. Já em 1960, partindo do intuito de tornar seu conceito reconhecido e influente mundialmente, Rosenberg fundou o Centro de Comunicação Não-Violenta (CNV). Em seu livro “Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais”, Rosenberg (2006, p. 21) afirma que a Comunicação Não Violenta é “uma abordagem específica da comunicação – falar e ouvir – que nos leva a nos entregarmos de coração, ligando-nos a nós mesmos e aos outros de maneira tal que permite que nossa compaixão natural floresça”. Sendo assim, podemos entender a CNV como uma prática



diária de escuta ativa e comunicação onde devemos buscar entender de onde veio aquela fala ou ação violenta e não respondermos de forma inconsciente, imediata e agressiva.

O próximo marco acontece em 1989, porém só é convertido em Lei Ordinária no Brasil no ano de 2014. A Lei da Palmada (Lei Nº 13.010, de 26 DE junho de 2014) sucedeu de um acordo entre a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Brasil. Uma vez que entendemos a violência como uma via de restrição à liberdade, sendo esta irrevogável e inegociável na relação dos Direitos Humanos, podemos entender a Lei da Palmada como um meio de garantir a manutenção e proteção deste direito às crianças. Contudo, é de extrema importância nos atentarmos ao fato de que a violência atravessa o físico, sendo englobado todo o tratamento injurioso e cruel, que coage e constrange, sendo este um ato de força e poder hierárquico. Sendo assim, conforme a lei, não se trata de adotar a permissividade nas relações entre responsáveis e filhos, mas sim da conscientização de que urge a necessidade da plena compreensão dos valores morais, comportamentais e éticos da sociedade por parte das crianças e adolescentes, não por temerem a violência, o apanhar, mas sim por aprenderem o que é correto e quais são os princípios básicos que regem a comunidade em que residem.

Ambos os eventos citados acima possuem uma característica em comum: a busca pela não violência e por novos meios de lidar com conflitos. O conceito da CNV abrange as relações sociais como um todo, não havendo um único âmbito passível de utilização do método. Quando falamos da CNV, falamos de entender as ações violentas que acontecem no trânsito, em conflitos nos locais de trabalho, em uma briga por conta da vaga na garagem que acontece com a vizinha, é sobre a sua resposta e sua forma de lidar com as pessoas e com você mesmo em meio a conflitos do dia a dia. Já a Lei da Palmada fala exclusivamente das relações domésticas, relações em sua maioria absoluta familiares. Ambos os marcos falam de um mesmo ponto, por perspectivas diferentes e para públicos diferentes. A Disciplina Positiva é mais um estreitamento desta linha de pensamento, é mais um nicho a ser explorado visando a relação positivista e resolução de atritos de forma humanitária, enxergando o outro e suas bagagens que constituem suas ações.

### **A OBSERVAÇÃO DIÁRIA COMO PONTO DE PARTIDA**

O ano era 2019 e eu era uma estudante recém-chegada a faculdade, especificamente em meu terceiro período. Nesta época eu já sentia a necessidade de realizar experimentações e observações práticas de tudo que estava aprendendo no curso de Pedagogia. Decidi então ir em

busca de um estágio que me permitisse iniciar minha vivência no âmbito escolar. Poucos meses depois desta tomada de decisão fui convidada a realizar uma entrevista em uma escola bilíngue de ensino em meu bairro. Dei início a minha jornada prática nesta escola em uma turma de Ensino Fundamental, mais especificamente do primeiro ano, onde a carga horária é dividida em cinquenta por cento de aulas em inglês e cinquenta por cento de aulas em português. Por estar presente em ambos os momentos na sala de aula como auxiliar das professoras, pude observar duas formas totalmente diferentes de ensinar e de se relacionar entre professora e crianças. Em meu entendimento prévio, as aulas em português seriam sempre as mais acolhedoras e de maior interação por parte das crianças, uma vez que a Língua Portuguesa é sua língua materna e traria maior conforto e relação de proximidade com a professora. Porém, em minha experiência observei um movimento contrário por parte das crianças pela forma com que a professora se posicionava e regia suas aulas. Pude observar que sempre que a professora se colocava no papel de recriminar atitudes e impor comportamentos ou participações efetivas nas aulas, as crianças recuavam e muitas das vezes tinham seus comportamentos aflorados. Lembro com clareza de uma ocasião em que a ação da professora gerou reações totalmente contrárias ao que ela desejava. A situação se desenrolou a partir de uma proposta de atividade em que as crianças deveriam fazer uma pesquisa sobre brincadeiras e jogos antigos e trazer na aula da semana seguinte para que pudessem apresentar aos colegas de turma. A aluna Joana sempre foi aquela criança que fica mais quieta, que não se sente à vontade tendo que expor seus pensamentos e realizações, logo, eu já sabia que esta apresentação seria um grande desafio para ela. A professora combinou com a turma de que naquele dia de apresentações, ela escolheria cinco crianças para irem a frente contar sobre a brincadeira ou jogo que haviam pesquisado. Joana foi uma das alunas escolhidas para esse momento. Como pedagoga em formação entendo a importância de propor oportunidades desafiadoras para as crianças, oferecendo momentos e recursos para que eles superem suas dificuldades e evoluam. Porém, assim como já aconteceu comigo quando criança ao ser constrangida por um professor nas aulas de um curso de inglês, me coloco no lugar desta aluna e entendo que o constrangimento não gera mais vontade de aprender e evoluir no assunto, mas na maioria dos casos leva a um bloqueio por parte do constrangido, assim como eu desenvolvi um bloqueio que até os dias de hoje me afeta. Assim também aconteceu com Joana. Ela foi chamada a frente com seu trabalho e falou algumas poucas palavras para explicar o que havia encontrado, e, comparado aos outros dias em que ela nem se quer falava quando era questionada sobre algo, isso já era uma grande evolução. Porém, por ter falado baixo e explicado menos do que o desejado pela professora, sua evolução não foi

exaltada e sim rebaixada com frases como: “Só isso que você vai falar? Seus amigos falaram bem mais que você”, “Você fala tão baixo que ninguém entende o que você fala”. Talvez você já imagine o que aconteceu a seguir, Joana parou de falar e nem aos questionamentos da professora respondeu mais. Ela se sentou em sua cadeira e não esboçou uma única nova palavra até o final daquela aula. Com isso, pude perceber que se uma criança estava agindo de maneira que não condizia com o que a professora achava ideal e fosse pressionada, exposta, ou recriminada de alguma forma que gerasse humilhação ou sentimento de diminuição, esse aluno continuava com essa conduta e muita das vezes agia pior, como se estivesse desafiando ou reafirmando quem é.

Já nas aulas que aconteciam em inglês, a relação entre professora e as crianças era mais leve, havia busca por um relacionamento divertido e íntimo buscando sempre o equilíbrio entre momentos de lazer e foco. A professora buscava sempre entender quem eram estas crianças, qual era a bagagem familiar e histórica deles e de onde vinham suas ações e enfrentamentos. Seja através de uma conversa individual com a criança, um questionamento aos responsáveis pela criança, pelas propostas de atividades que geram espaço de abertura e acolhimento sobre as vivências e sentimentos que estão afligindo as crianças, as ações que a professora realiza explicitam o desejo de entender o que há por trás de cada movimento e posicionamento dos indivíduos pertencentes àquela turma. Joana, por exemplo, demonstrava vínculos ativos tanto com a professora quanto com as propostas pedagógicas que ela abordava em aula. Essa leveza e boa relação se expandiam para as interações entre pares da turma, já que por se sentir em um lugar mais apazível Joana desenvolvia melhor suas relações com os amigos. Foi então que eu percebi que quando a professora agia de forma acolhedora e compreensiva, a forma de agir da criança tendia a ser mais pensada e cautelosa.

Para explicitar essa diferença de relações esboçada anteriormente, decidi compartilhar uma situação que talvez tenha sido o gatilho para que minha atenção e observação diária se voltasse à temática do trabalho. Pedro é uma das crianças da escola que nem sempre é compreendida pelos profissionais e que, por conta de sua tamanha agitação, demanda atenção e cuidados específicos da gestão e psicóloga da escola. Por mais que não haja diagnóstico, é rotineiro ouvirmos algumas professoras se questionando se ele não é possui hiperatividade. Ele passava grande parte das aulas conversando, levantando-se, indo ao banheiro e pedindo para beber água, mas sempre que questionado sobre o assunto da aula, era como se ele estivesse vidrado no quadro porque sabia responder tudo, o que a meu ver significava que ele tinha

interesse e conhecimento prévio sobre o assunto, mas não tinha nenhum interesse ou relação pela forma que os assuntos eram abordados. Os conflitos que aconteciam entre ele e a professora de português eram recorrentes, ele conversava sem parar, ela o reprimia e ele parava por um tempo, mas voltava logo a seguir. Já com a professora de inglês, ele tinha uma relação de respeito que, mesmo se levantando e saindo constantemente, ele, de alguma maneira, interagia com a professora e com o conteúdo da aula, conversando menos paralelamente com os colegas.

Essa observação realizada no dia a dia da escola me trouxe o seguinte questionamento: O que difere a relação dele com a professora de português e a de inglês? Obviamente, poderia ser apenas o maior interesse pela matéria e pela didática da aula em si, mas um instinto pessoal me dizia que a forma de lidar com as ações das crianças era um fator crucial para a construção dessas relações. A partir deste instinto e de toda a observação que realizava, pude comparar ambas as metodologias adotadas pelas professoras com quem tive o privilégio de trabalhar e buscar entender como a relação de linguagem e poder afetam as relações e o desempenho das crianças em sala.

A partir daquele ano, me dediquei a buscar metodologias e discussões teóricas que abordassem vivências semelhantes a estas que eu estava tendo a grande oportunidade de experimentar com a observação diária de sala. Metodologias que dialogassem sobre os comportamentos dos estudantes em sala, o posicionamento do pedagogo e as relações interpessoais entre criança e professor. Em uma dessas buscas descobri o conceito de Disciplina Positiva abordado por Jane Nelsen no livro “Disciplina Positiva em sala de aula: Como desenvolver o respeito mútuo, a cooperação e a responsabilidade em sua sala de aula” (2017). O conceito de Nelsen (2017) baseia seus discursos e métodos em uma resolução de conflitos diários de forma humanitária e pacífica, sem a necessidade de utilizar a violência como fator chave de mudança e solução de embates.

Podemos refletir sobre a influência que estes conceitos possuem – diretamente ou indiretamente – em relação a transformação gradual que as instituições educativas têm sofrido em suas formas de lidar com conflitos diários. Porém, essa reflexão só se torna possível quando ampliamos nosso olhar e nos permitimos analisar além do cenário atual que vivenciamos nas escolas. Quando paramos para averiguar as formas de resolução de conflitos adotadas nos colégios antigamente e nos dias atuais, podemos enxergar com clareza as alterações que já foram efetivadas. Há décadas atrás, existiam punições escolares que utilizavam de violência física como a palmatória ou o ajoelhar no milho, porém, após a proibição desse tipo de violência

nas escolas em 1980 (ARIÈS, 2011), a forma de violência utilizada nas escolas deixou de ser a física, que acredito ser uma forma escancarada de punição, e passou a se transformar sutilmente em violências psicológicas, aquelas que deixam marcas não em nosso físico, mas sim em nossas emoções e psicológico. Percebo essa mudança e seus impactos quando me permito explorar minha própria trajetória acadêmica e a de pessoas próximas a mim como amigos e familiares.

A abertura do desenho animado “Os Simpsons” apresenta em um de seus fragmentos o personagem Bart copiando diversas vezes a frase “eu não devo escrever nas paredes” no quadro verde de uma sala como punição pela sua atitude. O filme “Matilda” retrata uma cena em que a diretora da escola força uma das crianças a comer um bolo de chocolate inteiro em frente a todos os outros colegas da escola por ele ter comido um pequeno pedaço do bolo previamente. Esses são apenas alguns exemplos de representações artísticas que nos apresentaram a problemática da violência não-física no ambiente escolar. Mas se pararmos para procurar em nossa memória, quantos e quantos outros filmes não nos virão à mente? Cenas em que a professora decide punir a criança bagunceira a colocando em pé em algum canto da sala, o fazendo copiar incessantemente frases punitivas, ou desenhos em que o professor constrange a criança que está conversando com seu colega em frente a todos os outros estudantes. Acredito ter perdido as contas de quantas vezes ao longo do curso de pedagogia ouvi relatos da realidade das crianças que se assemelham as cenas apresentadas pelos filmes e desenhos. Eu mesma sou uma aluna que já vivenciou experiências como essa.

No meu segundo ano do Ensino Médio fiquei internada por quinze dias por conta do meu problema renal e quando retornei estava ansiosa com todos os procedimentos médicos que ainda teria que fazer, o que aflorava ainda mais meu Transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Por conta disso, eu conversava e me dispersava com facilidade, até o dia em que meu professor de física (que já era uma matéria que eu tinha muita dificuldade) me fez uma pergunta referente a uma das aulas que eu tinha perdido e, por não saber respondê-lo, ele me disse, frente a todos os outros estudantes, que eu podia continuar sem me esforçar porque não passaria de ano de qualquer jeito. Aquele momento me marcou de tal forma que na recuperação do meio do ano eu tive uma conversa com meu professor de química em que eu abertamente disse que queria repetir para sair daquela escola e que eu não era capaz de acompanhar o nível dos outros. Esse professor por sua vez me acolheu e me fez refletir sobre toda a dificuldade pessoal que eu estava passando por conta da minha saúde e do quão pouco eu estava precisando nas matérias naquela recuperação. Foi pelo cuidado e incentivo dele que

eu não desisti de tentar concluir aquele ano com êxito. Nenhuma destas atitudes por parte dos professores caracteriza violência física, porém o constrangimento, a humilhação, as intimidações e exposições fazem parte de uma violência psicológica e moral que deixam traumas e danos tão marcantes, chegando a serem graves, quanto um tapa na mão ou ajoelhar no milho.

A violência psicológica acarreta em muitas consequências e prejuízos para o desenvolvimento infantil. De acordo com a American Academy of Pediatrics (2002, *apud* FERRAZ e RISTUM, 2012, p. 105-106), são prejudicados e afetados por este tipo de violência áreas como:

pensamentos intrapessoais (medo, baixa estima, sintomas de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, etc.); saúde emocional (instabilidade emocional, problemas em controlar impulso e raiva, transtorno alimentar e abuso de substâncias); habilidades sociais (comportamentos antissociais, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, delinquência e criminalidade); aprendizado (baixa realização acadêmica, prejuízo moral) e saúde física (queixa somática, falha no desenvolvimento, alta mortalidade). (American Academy of Pediatrics, 2002, *apud*, FERRAZ e RISTUM, 2012, p. 105-106)

Assim como na Lei da Palmada, um dos objetivos é gerar nos responsáveis legais de crianças e adolescentes o entendimento de que é possível que eles eduquem seus filhos e os façam entender as regras e normas éticas e morais da sociedade sem o uso de violência.

A Disciplina Positiva na sala tem o objetivo de passar aos educadores o entendimento de que os métodos de educação que carregam modelos de ensino que trabalham a partir de atitudes que geram medo, culpa, receio ou dor, devem ser banidos. Assim, há a possibilidade de agir pedagogicamente com gentileza e firmeza ao mesmo tempo e gerar uma nova relação entre criança e professor de respeito. A gentileza é importante, a fim de mostrar respeito, já a firmeza é importante, para demonstrar respeito por si próprio, pelo outro e pelas necessidades do momento. Métodos autoritários geralmente carecem de gentileza e métodos permissivos de falta de firmeza. Gentileza e firmeza são essenciais para Disciplina Positiva. Com isso, evita-se relações que constroem alunas/os em especial aqueles que eventualmente apresentam transtornos psicológicos ou emocionais, e/ou questões sócio-econômico-culturais. Agindo respeitosamente, as/os professoras/res evitam traumas decorrentes de exposições desrespeitosas, ao longo do período de escolarização.

Sendo assim, decidi refletir e analisar os conceitos da Disciplina Positiva com o olhar voltado às questões da relação de linguagem e poder utilizados em sala. O intuito do debate é refletir e analisar sobre a forma com que agimos e abordamos situações de sala e o impacto acarretado no desenvolvimento e aprendizado das crianças da Educação Infantil, uma vez que esta é a primeira etapa da educação básica brasileira. Por um lado, temos o entendimento de que os acontecimentos do dia a dia de uma sala são diversos e inesperados, e que nem todos os profissionais foram preparados e capacitados para lidar com tais situações. Por outro, podemos enxergar nesta defasagem uma oportunidade de desenvolvermos, enquanto pedagogos e profissionais da educação, métodos e maneiras de agir para cada situação com as quais não estamos aptos para lidar. Desta forma, estaremos preparados para identificar comportamentos, recorrentes ou não, da sala e das crianças. A proposta é entender e me munir em minha prática docente de ferramentas prontas para conduzir da melhor maneira possível as ocorrências diárias do ambiente escolar sem prejudicar o andamento das aulas, as atividades propostas e o bem-estar, o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

## **2. OBJETIVOS**

Essa monografia surge, portanto, de uma observação pessoal que gerou interesse de entender mais a fundo as conexões e ferramentas possíveis de serem utilizadas na Educação Infantil a partir da perspectiva da Disciplina Positiva. Com isso, o objetivo geral desta monografia é de apontar conhecimentos teóricos baseados na Disciplina Positiva e comparar com as concepções nacionais da Educação Infantil como forma de conscientizar os profissionais da educação e oferecer estratégias deste conceito para embasamento de suas futuras práticas pedagógicas.

Além disso, o trabalho monográfico tem como objetivos específicos:

- a) Identificar de que forma a comunicação utilizada com as crianças em sala afeta suas aprendizagens, relações interpessoais, desenvolvimentos e engajamento com as propostas pedagógicas.
- b) Indicar características da comunicação que utilizamos no dia a dia escolar e seus impactos na aprendizagem infantil.
- c) Propor novas maneiras de agir e lidar com as situações que ocorrem em sala e comportamentos das crianças tendo como base a metodologia da Disciplina Positiva.

## **3. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para construção deste trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória formatada pelo método de pesquisa bibliográfica.

O presente trabalho é uma investigação constituída a partir de observações e reflexões pessoais sobre o conceito da Disciplina Positiva e, por isso, trata-se de uma busca por referências que ajudem a refletir sobre as práticas pedagógicas e educativas com as crianças pequenas durante os anos da Educação Infantil.



Toda a monografia é permeada pela metodologia da Disciplina Positiva e suas contribuições e ferramentas possíveis de serem utilizadas na Educação Infantil. A análise e minhas reflexões foram feitas pensando nas relações e interações sociais e nos impactos que podem ser sentidos no desenvolvimento social e emocional das crianças.

A bibliografia utilizada dá suporte para que eu possa fazer comparações entre as legislações que regem a primeira etapa da educação básica e as metodologias que habitualmente são utilizadas nas propostas pedagógicas, e para discussão sobre a Disciplina Positiva e o alcance desta nas práticas da Educação Infantil. Parto da ideia de que este conceito pode ajudar as/os professoras/res a desenvolverem relações e interações com as crianças de modo não violento e de forma a criar um ambiente de bem-estar e espontaneidade por parte dos envolvidos.

#### **4. Educação infantil: história, concepções e políticas públicas**

Falar da creche ou da educação infantil é muito mais do que falar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou da sua importância educacional. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida. (DIDONET, 2001).

Do ponto de vista histórico, entre os séculos XVII e XIX, a educação das crianças esteve sob a responsabilidade das mães, que faziam o papel da educação infantil, durante séculos. Com isso, não havia a necessidade de uma educação formal regulamentada pelo Poder Público já que este papel era desenvolvido matematicamente em suas casas. Porém, a partir do movimento histórico de transição do feudalismo para o capitalismo, onde o modelo de produção deixa de ser doméstico e passa a se tornar fabril gerando uma reorganização social em alinhamento ao novo modo de fabricação vigente: a substituição da força humana pela força motriz, há um impacto grande em toda a classe operária. Uma das mudanças mais significativas deste período e desta reorganização social se dá pela entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho, dando início a alteração estrutural familiar e social sobre os hábitos e costumes familiares, que seguem em mutação até os dias atuais. Mas se as mulheres iniciam o movimento de sair de seu trabalho doméstico e de cuidadora para o trabalho externo, onde e com quem deixar as crianças?

No Brasil, no início do século XX, ocorre a intensificação da urbanização e da industrialização em várias regiões. O movimento gerado pelo capitalismo onde as trabalhadoras femininas eram contratadas pelas fábricas e não tinham onde deixar seus filhos, virou uma demanda social que o Poder Público tinha que suprir. As mulheres operárias passaram então a cobrar seus direitos, entre eles um “lugar” para guarda e atendimento das crianças durante o trabalho.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternais para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternais e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18)

Entendemos, então, que as conquistas na educação são frutos das demandas e lutas sociais. Inicialmente essas reivindicações foram acatadas pelos empresários com o intuito de melhorar o rendimento de suas operárias e conseqüentemente os lucros de suas fábricas, porém, ao longo das décadas, essas conquistas não se sustentaram sem que novas manifestações e exigências fossem feitas. A partir do aumento da presença das mulheres de classe média no mercado de trabalho, as demandas pelo serviço das instituições de atendimento à infância aumentaram também. Com isso, movido pelo interesse ideológico Capitalista, o Poder Público constrói as primeiras creches.

No início a Educação Infantil, nas creches, tinha como objetivos o cuidar e proteger as crianças enquanto as mães saíam para o trabalho, sendo esta uma visão puramente assistencialista cujo foco era a alimentação, higiene, cuidados físicos e a guarda das crianças, exercendo um papel de substituta da família. Contudo, através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1961 foi institucionalizada a obrigação dos patrões de se preocuparem com a educação dos filhos das operárias, e também a inclusão desta educação no panorama da educação brasileira. Assim, as escolas maternais e os jardins de infância foram incluídos no Sistema de Ensino Brasileiro, formalizando a Educação Infantil. Hoje esta etapa da educação está garantida por lei (BRASIL, 1998) e afirma os direitos das crianças entre 0 e 5 anos a uma educação em creche e pré-escola de qualidade, comprometida com o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças, cabendo ao/a professor/a criar condições para que as crianças, desde bebês, aprendam e se desenvolvam integralmente.

Entretanto, do ponto de vista histórico, foram necessários aproximadamente cem anos (um século) para que as crianças tivessem assegurado seu direito à educação na legislação, esse direito foi reconhecido verdadeiramente na Carta Constitucional de 1988 apenas. Consta, então, no artigo 208, inciso IV, da Constituição Federal de 88 que: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). Com isso, após sua promulgação, houve o aumento de creches, privadas e públicas, para atendimento aos filhos dos trabalhadores.

Outro marco legislativo importante surgiu em 1990 com a promulgação da Lei 8.069/90 do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) que acabou por concretizar as conquistas em relação aos direitos de crianças trazidos pela Constituição Federal, fruto das pressões de movimentos feministas e de movimentos sociais. De acordo com o artigo 3º do ECA, a criança e o adolescente devem ter garantidos os direitos fundamentais da pessoa humana, para que tenha acesso às oportunidades de “[...] desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em

condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 1994) inserindo, assim, as crianças no mundo dos direitos humanos.

O ECA estabeleceu um sistema de elaboração e fiscalização de políticas públicas voltadas para a infância, tentando com isso impedir desmandos, desvios de verbas e violações dos direitos das crianças. Serviu ainda como base para a construção de uma nova forma de olhar a criança: uma criança com direito de ser criança. Direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar. Isso quer dizer que são atores do próprio desenvolvimento. (FERREIRA, 2000, p.184)

Anos à frente, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) consolida legalmente a Educação Infantil (creches e pré-escolas) como primeira etapa da Educação Básica, e com isso, a necessidade da reflexão acerca das questões curriculares para as formações das crianças. Essa Lei estabelece que o propósito do jardim de infância é estimular o desenvolvimento integral da criança até seis anos - idade em que elas adentram o Ensino Fundamental, trazendo um complemento à ação das famílias e da comunidade (BRASIL, 1996).

Vale lembrar que mesmo com todas essas determinações e promulgações legais, a Educação Infantil segue não sendo etapa educacional obrigatória no Brasil até os 3 anos de idade. A não obrigatoriedade desta etapa, no entanto, não desqualifica o avanço que ela proporcionou às crianças e seus direitos, pois agora os infantes de 0 a 5 anos também possuem seu direito escolar reconhecido por lei com objetivos ~~reios~~ de promoção de contextos e circunstâncias adequadas para o desenvolvimento do bem-estar infantil, sendo ele físico, emocional, intelectual, motor, social e a ampliação de suas experiências sociais.

Dando sequência a construção dos direitos e da legalidade da Educação Infantil no Brasil, temos em 1998 a publicação de dois documentos pelo Ministério da Educação, em concordância com a legislação vigente, são eles: “Subsídios para o Credenciamento e o Funcionamento das Instituições de Educação Infantil” (BRASIL, 1998a), e o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” RCNEI, (BRASIL, 1998b). Suas funções são, respectivamente, a contribuição significativa para a construção de normas e diretrizes da educação da criança pequena no Brasil, e contribuir para a execução de práticas educativas de qualidade nos Centros de Educação Infantil.

A Educação Infantil nessa época ainda era uma etapa escolar recente, por conta disso, a compreensão plena da forma com que os profissionais da educação deveriam atuar nessa faixa

etária ainda estava em construção. Pensando nisso, podemos entender o RCNEI como um guia educacional para todos os profissionais que estivessem atuando com crianças pequenas (idades de 0 a 6 anos), este documento constam orientações didáticas, objetivos e conteúdos consonantes ao que é desejável nos jardins de infância. Em relação aos objetivos gerais do documento, há a indicação de que as práticas desenvolvidas nas instituições pedagógicas de educação infantil devem se estruturar de maneira que proporcionem um ambiente em que as crianças possam desenvolver as seguintes capacidades:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
  - descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
  - estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
  - estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
  - observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
  - brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
  - utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
  - conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.
- (BRASIL, 1998b, p. 63, v. 1).

Contudo, de acordo com o RCNEI (1998b), as atividades oferecidas para as crianças não devem ocorrer apenas por meio de brincadeiras, mas também de momentos pedagógicos direcionados. Ambas as formas de aprendizagem devem ser utilizadas de forma integrada na Educação Infantil se desejamos que as capacidades apresentadas acima sejam alcançadas em

sua plenitude. Os profissionais da educação que atuam com crianças pequenas devem entender tamanha importância desta integração em seu trabalho como educadores, uma vez que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998b, p. 23).

A partir do ano de 2006 aconteceram algumas mudanças significativas ligadas à Educação Infantil. São elas:

2006 - Há uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que antecipa a idade de acesso ao Ensino Fundamental de sete anos para seis anos. O que significa que a partir dessa alteração, o ciclo escolar da Educação Infantil contempla crianças de zero a cinco anos.

2009 - Em 11 de novembro de 2009, é publicada a Emenda Constitucional nº 59 que torna o acesso à Educação Infantil obrigatório para crianças de quatro e cinco anos. Essa emenda estabelece, então, a obrigatoriedade da educação básica gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade, além de estender os programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde, que a partir desta data cobrem todas as etapas da educação básica brasileira. (BRASIL, 1988)

2009 - É constituído o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 1999) que surge como um direcionador para o planejamento do currículo das escolas, sendo ele mandatário. A DCNEI propõe a organização curricular por meio de eixos de interações e brincadeiras. Além de trazer como marco conceitual a inerência entre o cuidar e educar.

2017 - É divulgada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabelece e direciona a implementação de um planejamento curricular único para todas as etapas da Educação Básica em todo o país. Este documento dialoga com a DCNEI para trabalhar os conceitos e objetivos de aprendizagem da Educação Infantil, de caráter mandatário.

## **O currículo para a Educação Infantil.**

Considerando toda a evolução e conquistas que tivemos nas concepções da Educação Infantil e na parte legislativa que a perpassa, um assunto que se faz de extrema importância e que é objeto de debates e reflexões é o conceito de currículo para esta etapa educativa. No que tange à construção do currículo, deve-se apontar a controvérsia que esse debate gera. Para alguns educadores e pais “a Educação Infantil não deveria envolver-se com a questão do currículo, termo geralmente associado a um certo percurso de escolarização vivido no Ensino Fundamental e centrado na ideia de disciplinas escolares.” (OLIVEIRA, 2014, p. 32).

Vale ressaltar sobre esse debate que o dilema desafiador da educação de crianças pequenas é ultrapassar a prática pedagógica voltada e centrada no professor e aproximar essa prática da criança, a partir de seus pontos de vista e não o do adulto. Com base nisso, a definição de currículo apresentada no documento das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) me parece contemplar e ir de acordo com o dilema citado, uma vez que trata deste conceito como algo que deve ser voltado sempre para as crianças. É descrito da seguinte maneira:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2009)

Porém, por mais que a definição de currículo da DCNEI esteja de acordo com a visão de que o centro das propostas deve ser o olhar e as experiências das crianças, a Educação Infantil trabalha com o conceito de currículo, articulando-o com o de projeto pedagógico, plano orientador das ações da instituição e define as metas que se pretende para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças que nela são educados e cuidados. (DCNEI, 2009). Desta forma, o projeto pedagógico define as metas que se pretende para o desenvolvimento e o currículo busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos por meio de práticas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições. (OLIVEIRA, 2010, p. 4)

A elaboração do currículo e dos projetos pedagógicos da educação de crianças pequenas deve contemplar os eixos estruturantes das práticas pedagógicas, que são a brincadeira e as

interações (DCNEI, 2009), meios esses que permitem ao infante a aprendizagem e desenvolvimento a partir de seus atos e trocas com seus pares e adultos.

Além dos eixos estruturantes, temos como base, definida pela BNCC, os seis direitos de aprendizagem das creches e pré-escolas que nos permitem entender que falar sobre a Educação Infantil é falar sobre vivências e oportunidades. Um dos fatores centrais em comum entre todos os direitos, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, é o olhar da criança. Há a necessidade de nós, profissionais da área, criarmos um ambiente propício para o desenvolvimento e reflexão própria das crianças. Não é sobre entregar e falar diretamente de um conteúdo que temos que abordar, é explorar o repertório das crianças primeiramente, o que elas acham sobre, se elas conhecem, como elas fazem... é permitir que antes de adquirir o conteúdo por uma perspectiva mais conteudista, eles tenham a vivência de imaginar, criar, inventar e experimentar. Em resumo, citando a própria BNCC:

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (BRASIL, 2017)

A Educação Infantil deve promover vivências importantes para as crianças, com respeito, cuidado e bem intencionalmente, garantindo os direitos das crianças a uma educação pertinente para a infância. Para isso, o trabalho das instituições de educação infantil deve pautar a produção de seus conhecimentos em três importantes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: de sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2009)

Já que o objetivo da Educação Infantil está além da assistência, do cuidar, do colocar para dormir, do brincar apenas, mas sim está ligado ao desenvolvimento e a aprendizagem, não basta entender apenas o conceito e os cuidados que temos que ter com as crianças. De acordo com as DCNEI (2009), o conceito de cuidar e educar direcionam o foco desta etapa ao desenvolvimento integral da criança, porém, ainda considerando-a como um indivíduo que



responde aos estímulos dados pelos adultos. O professor precisa ter conteúdos e estratégias que tornem as experiências e vivências de ensino interessantes, desafiadoras e significativas para as crianças. É necessário que elas se sintam estimuladas e motivadas no ambiente da educação infantil.

### **As interações no ambiente escolar da Educação Infantil.**

A Educação Infantil é o primeiro contato da maioria das crianças com um círculo social diferente do familiar e é através das experiências proporcionadas no ambiente escolar e da forma com que elas vivenciam o espaço e realizam interações que constroem sua identidade pessoal e coletiva. A definição de criança, segundo o artigo 4 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, é explicitada pelo seguinte trecho:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

Ou seja, a partir das práticas pedagógicas intencionais do dia a dia acontecem mudanças em decorrência do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças e construções da identidade delas. Há a necessidade de que educadores, principalmente aqueles que atuam na Educação Infantil, entendam e enxerguem as crianças como atores sociais, sujeitos históricos e culturais que são influenciados e influenciam o meio em que eles vivem. As crianças e suas formas de estar no mundo são construídas por suas experiências e relações entre pares, com adultos e com o ambiente em que estão inseridos.

Pensando em um currículo que alcance e proporcione constantemente momentos de interação significativa para os pequenos, os profissionais da educação devem estruturar suas propostas pedagógicas sob o olhar do eixo norteador que é a interação. As interações se referem às oportunidades de as crianças interagirem entre elas (como nas brincadeiras), entre elas e os adultos, e com os materiais brinquedos e equipamentos (com os objetos). É a partir destas interações que as crianças encontram possibilidades e oportunidades como a imaginação, conversa, combinados, tomada de decisões, conflito de interesses etc. Em momentos de brincadeira livre e interação, as crianças estão desenvolvendo e aprendendo a partir de suas interações e estímulos, porém, o professor também tem nesse momento único um potencial de aprendizagem e construção de novas propostas, uma vez que temos nesses momentos a chance

de avaliarmos e entendermos como cada criança lida com frustrações, opiniões diferentes, situações inesperadas e observamos os interesses que demonstram ter.

Para que as interações ocorram de forma plena e acolhedora, é essencial que o ambiente em que elas vão ocorrer seja agradável, estimulante, benéfico, desafiador, seguro, inclusivo e leve. Além disso, de acordo com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, através de seus Indicadores de Qualidade da Educação Infantil (2016, p. 41), sua organização deve permitir a livre expressão, a autonomia, interações em pequenos e grandes grupos e com grupos de faixas etárias diferentes. Outra condição é a variedade, a consistência e a continuidade de experiências que meninas e meninos, sozinhos, em grupo ou com os adultos terão possibilidades de realizar.

Outrossim, devemos considerar o que Thelma Harms (2019, p. 7) afirma sobre a interligação entre o ambiente físico, os relacionamentos entre crianças e com adultos significativos e a construção de conhecimento. Ela também afirma que muito do ensino é feito durante o decorrer do dia, enquanto os professores interagem com as crianças em brincadeiras e rotinas. Portanto, como profissionais da educação temos que valorizar esta prática pedagógica e construir ambientes que proporcionem socialização, desenvolvimento de habilidades, promoção do lúdico, do ético, da cidadania e dos laços afetivos, pois estes são fatores significativos e determinantes para a melhora do desempenho escolar futuro. Tudo aquilo que construímos no dia a dia da Educação Infantil juntamente às crianças, proporciona a elas a oportunidade de que seu futuro escolar nos próximos ciclos, seja no Ensino Fundamental, Médio ou Graduação, tenha como base os aprendizados significativos nas áreas físicas, motoras, sociais, emocionais e cognitivas que desenvolveram ao longo de sua escolaridade infantil.

## 5. Disciplina Positiva: Educando com afetividade.

A afetividade constitui a energética da ação, ou seja, o interesse e a vontade que funcionam como reguladores da energia a qual impulsiona a conduta e as estruturas de que a criança dispõe para agir correspondem às funções cognitivas. A partir dessa afirmação, conclui-se que o afeto é de fundamental importância na construção da inteligência, isto é, a afetividade corresponde aos sentimentos, às emoções, aos desejos e aos valores, que dão suporte às ações. (FREITAS & ASSIS 2007, P. 95)

Influenciada pelos estudos e ideais de Rudolf Dreikurs (1930) e Alfred Adler (1920), psicólogos austríacos, Jane Nelsen elabora o modelo educacional da Disciplina Positiva que visa a criação de relações harmoniosas por meio do afeto e empatia, sem deixar de lado a firmeza. A filosofia da Disciplina Positiva busca se afastar de punições, dominações e recompensas, sendo elaborada como um modelo de educação democrático que tem como princípios: o respeito, a igualdade e as responsabilidades e como objetivos centrais: a formação de cidadãos responsáveis, capazes de atuar na comunidade de forma cooperativa. A ideia é que, como educadores, possamos orientar sem impor subordinação à criança.

Por mais que a Disciplina Positiva não adote a estratégia de punição como meio de educar, isso não significa que as crianças estarão livres para agirem como quiserem. A proposta deste modelo educacional é de proporcionar estratégias para que a própria criança reconheça o que está sentindo (raiva, tristeza, frustração, por exemplo) e como esse sentimento se relaciona às suas atitudes (morder, bater, empurrar, como exemplos). Ela entende o que sente para que possa entender o que aquele sentimento ocasiona dentro de si, criando estratégias para que ela tenha ações empáticas e responsáveis com o outro.

Precisamos aprender e ensinar as crianças a ver os erros como oportunidades para aprendizagem. Não seria maravilhoso ouvir um adulto dizer para uma criança: ‘Você cometeu um erro. Isso é fantástico. O que nós podemos aprender com ele?’. (NELSEN, 2007, p. 46).

Através deste processo de resolução de conflitos, o aprendizado acontece de forma proativa e não reativa, onde a criança obtém autonomia para pensar, lidar e expressar o que sente, desenvolvendo em si autocontrole e investigando as consequências de suas ações e escolhas, extraindo de seus erros aprendizagem. Este é o principal ideal de Dreikurs e Adler que Jane Nelsen adotou na Disciplina Positiva, a concepção de que devemos tratar as crianças

de forma respeitosa, as enxergando como seres humanos de direitos e atores sociais, visando seu desenvolvimento e crescimento a longo prazo. (NELSEN, 2017).

Porém, aplicar essa metodologia na sala das crianças e em nossas propostas pedagógicas não é um movimento fácil inicialmente, quando ainda não somos adeptos a ela. A Disciplina Positiva requer do professor um movimento de extrema confiança para com as crianças, pois precisamos entender que elas são capazes de decidir o que é melhor para elas tanto quanto nós adultos. A perspectiva da Disciplina Positiva vem de relações horizontais entre professor-criança e nosso papel é o de proporcionar meios para que elas desenvolvam suas próprias habilidades. Um exemplo disso é a demonstração de empatia por parte do professor que pode, em um diálogo com a criança, expressar suas próprias estratégias, citar momentos em que se sentiu da mesma forma e como agiu, compartilhar dos sentimentos e percepções para que a criança possa, de maneira positiva, desenvolver sua aprendizagem. Nesta metodologia, o adulto não se encontra na posição de chefe, mas sim de líder. Como líderes podemos sugerir, mediar, opinar, mas jamais tomar uma decisão autoritária pensando apenas em nosso desejo pessoal.

Nelsen defende que “Professores que aprendem a fazer mais perguntas e dar menos sermões desenvolvem uma verdadeira curiosidade sobre os pensamentos e opiniões de seus alunos.” (NELSEN, 2017, p. 7).

### **A relação entre o autoritarismo e a permissividade na Disciplina Positiva**

Algumas das pessoas para as quais eu contei um pouco sobre meu objeto de pesquisa e tema central da monografia me questionaram se a Disciplina Positiva não era tolerante demais, se não era um modelo que deixava as crianças com muita permissão de tomada de decisão e se isso não iria roubar a autoridade do professor de sala. Esse questionamento não me espantou, pois uma das reflexões e debates mais comuns sobre a Disciplina Positiva é realmente esse: qual o limite da permissividade e da autoridade em sala?

Ao contrário do que foi indagado e do que muitos pensam em um primeiro momento, este modelo de educar não é sobre não impor limites ou ser permissivo, mas sim sobre a criação de indivíduos colaborativos, empáticos e responsáveis, aqueles que lidarão com os outros e consigo mesmo de forma amorosa e segura. A metodologia busca o equilíbrio entre a gentileza e a firmeza, de forma com que nós, profissionais da educação, não venhamos agir com excesso

de rigidez, gerando um ambiente em que as crianças se sentirão presas, nem com excesso de permissividade às deixando livres por completo, criando um ambiente em que elas façam aquilo que bem entendem. Portanto, a Disciplina Positiva é a proposta de um balanço para que não venhamos nos posicionar nos extremos do autoritarismo ou da permissividade.

Uma ferramenta apontada por Nelsen no livro que apresenta uma sugestão para a criação de um ambiente respeitoso e positivo auxiliando na construção e manutenção do equilíbrio citado anteriormente, é a "Escolha limitada". Em minha vivência como auxiliar de turma ao longo de três anos, esta estratégia tem sido a que mais tenho utilizado nas práticas pedagógicas. A ideia desta ferramenta é apresentar às crianças ao menos duas escolhas de soluções aceitáveis e adequadas para os problemas. Invés do professor mandar na criança impondo o que deve ou não fazer ele deve conduzir as situações de maneira que a criança se sinta parte da solução do problema. Ou seja, o adulto para de “dizer” e começa a “perguntar” às crianças trazendo-as para um papel ativo na solução de problemas.

Uma observação pertinente sobre a estratégia se dá pela amplitude das escolhas. Para crianças menores não devemos utilizar perguntas muito abertas, como por exemplo: “o que você quer fazer agora?” ou “qual lugar você quer se sentar?”, na primeira infância precisamos utilizar de escolhas mais limitadas e direcionadas. Logo, ao invés de “onde você quer sentar?”, podemos dizer “você pode sentar na cadeira azul ou na vermelha, qual você prefere?”. Conforme as crianças vão crescendo e desenvolvendo suas habilidades de tomar decisões e de lidar com as consequências, podemos aumentar a amplitude das perguntas e escolhas. (NELSEN, 2017).

Outra observação importante para que esta ferramenta tenha resultados efetivos é de que todas as escolhas que proporcionamos às crianças de realizarem precisam ser aceitáveis para o professor, para a proposta pedagógica e para o grupo. Caso a criança venha escolher algo fora das opções, a posição do adulto deve ser de lembrar as opções ofertadas e utilizar frases como “Essa não é uma opção. Tente mais uma vez.” (NELSEN, 2017). Exemplificando, se você tem duas atividades para realizar com a turma, uma que envolve conceitos matemáticos e outra que abre possibilidades para a expressão por meio das artes, e oferece ambas as opções para as crianças, o que elas escolherem deve ser aceitável e dentro das possibilidades. Logo, se uma criança escolher alguma atividade que envolve a aprendizagem de um outra língua, como por exemplo, o inglês ou espanhol, ela escolheu fora das opções

dadas e o professor pode repetir a proposta para que ela tenha uma nova oportunidade de escolher dentre as opções citadas, ou negociar com a criança sobre a sua escolha.

A partir desta estratégia, entendemos que os adultos não têm que ser ou firmes ou gentis, mas sim precisam agir com firmeza e gentileza, acolhimento e direcionamento ao mesmo tempo. Essa posição passa confiança às crianças, além de colocá-las em evidência e em posição de poder por conta das tomadas de decisões. (NELSEN, 2017).

### **Os cinco princípios da Disciplina Positiva**

De acordo com o site da Associação da Disciplina Positiva (*Positive Discipline Association*), pesquisas recentes nos dizem que as crianças são programadas desde o nascimento para se conectar com os outros, e que as crianças que sentem uma sensação de conexão com sua comunidade, família e escola são menos propensas a se comportar mal. Para serem membros colaborativos bem-sucedidos de sua comunidade, as crianças devem aprender as habilidades sociais e de vida necessárias. Pensando nisso, o site disponibiliza os cinco princípios/critérios que são a base da filosofia da DP, são eles: firmeza com afetividade, senso de pertencimento e significância, eficácia a longo prazo, habilidades de vida e sociais, e valorização da capacidade da criança.

- **Respeito mútuo (firme e gentil ao mesmo tempo)**

Como apresentado no site da Associação, a firmeza atrelada à gentileza leva ao respeito e encorajamento. Quando a Disciplina Positiva é utilizada em sala, precisamos tornar claro para as crianças que os erros que cometemos são grandes oportunidades de aprendizado e que eles são importantes. Com isso, Jane Nelsen (2017), através da filosofia da Disciplina Positiva, propõe o uso dos Três R da Recuperação dos Erros: Reconhecer, Reconciliar e Resolver. Se a criança tem uma atitude errada ela não precisa de uma punição, como perder algum benefício ou ir para um canto afastado de seus amigos, mas precisa sim entender qual foi o erro que cometeu para que não volte a se repetir. O papel da professora então é demonstrar com firmeza que a atitude foi sim indesejável ou questionável, mas agir com gentileza para encorajar a criança de que ela pode melhorar e não voltar àquela mesma situação que pode causar desconforto, frustração ou outro sentimento afim. A partir desse exemplo podemos entender que quando se é gentil, a intenção é sermos respeitosos com a criança, já quando se é firme, estamos buscando ser respeitosos com a situação como um todo.

- **Forte conexão (importância e pertencimento)**

Todos os indivíduos buscam formas de se sentirem aceitos, pertencentes e importantes, e as crianças não seriam diferentes. Pensando no ambiente escolar como uma mini proporção da sociedade, precisamos pensar nesse espaço como um lugar de voz e importância para todos que o constituem. De acordo com Nelsen (2017, p. 106), atribuir funções na sala - dando as crianças oportunidades de contribuir de maneira significativa - é um dos melhores métodos para ajudá-los a sentir aceitação e importância. Realizar estas funções dá a criança a satisfação da contribuição.

São pequenas estratégias como essa que permitem a compreensão por parte das crianças de que elas têm significância naquele lugar, pois as crianças se sentem aceitas (conectadas) e importantes (capazes) quando têm a oportunidade de contribuir. Quando as crianças se sentem importantes, elas querem cooperar em vez de se comportarem mal, pois quando sentem que não precisam se comportar mal para ganhar controle e se sentirem importantes, elas se libertam para aprender. (NELSEN, 2017).

- **Eficaz em longo prazo**

Nós como profissionais da educação precisamos entender que, ao colocarmos em prática a filosofia da Disciplina Positiva, não estamos buscando resolver um problema de agora, como se fosse um fogo que temos que apagar naquele instante, mas estamos buscando aprendizados para a vida inteira. Não queremos que naquele dia a criança pare de bater ou ter atitudes que vão colocar em risco a sua própria integridade ou de outros do grupo, queremos que elas desenvolvam habilidades de autocontrole e autorregulação para que no futuro saibam como agir em situações similares.

O papel do professor então é de instruir e orientar a criança para que ela construa em si capacidades e habilidades importantes para o agora, mas principalmente para o seu futuro.

- **Desenvolvimento de habilidades de vida**

Como descrito no final do tópico anterior, a Disciplina Positiva busca a construção de estratégias que os indivíduos poderão utilizar ao longo de toda sua vida em diversas situações sociais e educativas.

O envolvimento e papel ativo que as crianças possuem nesse modelo educacional possibilita que elas, a partir do senso de pertencimento no processo de construção de regras e

solução de problemas, desenvolvam responsabilidade, discernimento do que é certo ou errado, bom ou ruim, além de desenvolverem suas capacidades de relações e interações sociais, habilidades emocionais e a melhora da parte cognitiva conseqüentemente. (NELSEN, 2017). Todos esses aprendizados e aperfeiçoamentos de habilidades são provenientes desta vivência positiva que equilibra gentileza e firmeza a partir da interação entre pares e entre crianças-adultos.

- **Convida as crianças a descobrirem suas capacidades pessoais (poder pessoal e autonomia)**

Como apresentado até o momento, a Disciplina Positiva busca identificar situações em que a criança parece satisfeita, se sente bem com suas conquistas e que está em processo de aprendizagem ao invés de pontuar o que não consegue fazer ou as tentativas frustrantes que as deixam irritadas, agressivas e frustradas e tem como fundamentos a compreensão, acolhimento, empatia, respeito mútuo e as individualidades, paciência, limites e autoconhecimento. Com isso, construímos um ambiente amparado em exemplos positivos constantes e diários que afastam qualquer tipo de violência para com as crianças, seja a psicológica, física ou verbal. (NELSEN, 2017).

Em um ambiente onde se preza pelo bem-estar e a concepção de que as crianças são sujeitos ativos, capazes de construir seus próprios processos de aprendizagem e disciplina, se torna uma consequência natural a formação de indivíduos que constroem relações positivas através de diálogos, sendo seguros de si, confiantes e decididos.

### **Disciplina Positiva na escola: ferramentas e características da filosofia para educadores**

A Disciplina Positiva possui duas vertentes de público-alvo, os pais e/ou responsáveis legais das crianças e os educadores, que convergem nos mesmos propósitos, sendo eles a solução de problemas, compreensão de como as crianças sentem e pensam, empatia, proporção de segurança à criança e construção de metas a longo prazo. (NELSEN, 2017). As ferramentas e características específicas dessa filosofia devem ser colocadas em prática diariamente.

Pensando no esclarecimento de cada uma destas ferramentas, abaixo resumirei suas perspectivas e maneiras de colocá-las em prática.

- **Respeito mútuo**



Podemos definir essa característica com uma simples expressão: respeitar para ser respeitado. Uma atmosfera que valoriza a importância começa quando o professor orienta as crianças a tratarem umas às outras com respeito, de maneira a demonstrar que uma se importa com a outra. A partir do comportamento e tratamento que oferecemos às crianças elas aprendem qual comportamento devem se espelhar também. (NELSEN, 2017). Assim sendo, quando oferecemos a elas respeito, estamos ensinando que também devem lidar com respeito aos próximos.

Nós como educadores temos que nos lembrar a todo momento que as crianças, ao interagir com as pessoas, objetos e mundo, se colocam e se expressam e aprendem como as experiências e vivências dos outros. Estas vivências influenciam a sua construção enquanto sujeito, e elas próprias influenciam os outros, isto é, estando em relação, ela aprende e também ensina sobre o seu modo de estar no mundo. Se agimos de forma desrespeitosa elas provavelmente entenderão que podem agir da mesma maneira conosco e com seus pares.

- **Identificar o motivo por trás da indisciplina**

Todo indivíduo é formado por bagagens culturais, sociais, familiares etc, externas ao ambiente escolar com o qual nós, educadores, temos acesso. Para entendermos a fundo o comportamento das crianças precisamos entender também o que elas carregam em suas bagagens, pois quanto mais a respeito delas conhecemos, mais chances temos de identificar as motivações por trás de seus comportamentos.

Na Disciplina Positiva, os maus comportamentos são separados em quatro motivos possíveis que são chamados de “Objetivos equivocados”: atenção indevida, poder mal dirigido, vingança e inadequação assumida. (NELSEN, 2017). A atenção indevida nada mais é do que a busca por atenção, a criança acredita que será aceita apenas quando tiver total atenção e por conta disso tem comportamentos socialmente indesejáveis para si e para os outros. O poder mal dirigido pode ser descrito como uma luta por poder, ou seja, a criança se sente aceita somente quando o poder está concentrado nas mãos dela, ela é a chefe de si e o adulto não pode mandar nela. Vingança é exatamente o que o nome já diz, por não se sentir aceita a criança age com comportamentos agressivos, impulsivos como forma de se vingar. Já a inadequação assumida é a desistência, se a criança acha que não há jeito de ser aceita naquele ambiente ela decide parar de tentar caber naquele espaço e age de maneira ruim pois nada que ela fizer será motivo de aceitação. O professor então deve tentar entender por qual destes motivos a criança está

agindo de maneira inadequada, tendo assim opções de ferramentas que podem ajudá-lo a decidir a melhor opção para que a criança consiga melhorar o comportamento.

No livro “Disciplina Positiva em sala de aula: Como desenvolver o respeito mútuo, a cooperação e a responsabilidade em sua sala de aula” (NELSEN, 2017), Jane Nelsen nos apresenta um quadro que possui os quatro objetivos equivocados sendo este um valioso recurso cujo podemos consultar e reforçar nossas práticas pedagógicas para ensinar e lidar com os desafios do dia a dia com as crianças. Neste quadro, informações como o que o professor sente, como ele tende a reagir, qual é a resposta da criança, qual a crença por trás do comportamento e respostas proativas e estimuladoras para os professores são apresentadas. Por considerar este um material de extrema relevância, trago abaixo uma parte dele que retrata o objetivo equivocado da inadequação assumida.

**Quadro 1 - Quadro de Objetivos Equivocados**

O objetivo da criança é:	Se o professor sente:	E tende a reagir:	E se a resposta da criança é:	A crença por trás do comportamento da criança é:	Mensagens codificadas:	Respostas proativas e estimuladoras dos professores incluem:
<b>Inadequação Assumida</b> (para desistir e não ser incomodada)	Desesperado Incapaz Impotente Inadequado	Desistindo Fazendo coisas pela criança que ela pode fazer por si mesma Ajudando além do necessário Demonstrando falta de confiança na criança	Recua Torna-se passiva Sem melhora Sem resposta	Não acredito que posso ser aceito porque não sou perfeito, por isso vou convencer os outros a não esperar nada de mim. Sou incapaz e importante; não adianta tentar porque não vou fazer a coisa certa.	Não desista de mim. Mostre-me um pequeno passo.	Divida a tarefa em passos pequenos. Não faça críticas. Incentive tentativas positivas, por menores que sejam. Tenha fé nas habilidades da criança. Concentre-se nos pontos positivos. Não tenha pena. Não desista. Promova oportunidades de sucesso. Ensine habilidades - mostre como, mas não faça por ela. Aproveite o tempo ao lado da criança. Baseie-se nos interesses dela. Promova reuniões de classe.

Fonte: Livro “Disciplina Positiva em sala de aula: Como desenvolver o respeito mútuo, a cooperação e a responsabilidade em sua sala de aula.” de Jane Nelsen, Lynn Lott e H. Stephen Glenn - 4a. Edição (Ed.

Manopole)

- **Comunicação eficaz e resolução de problemas**

De acordo com filosofia da Disciplina Positiva, investir em uma comunicação clara e de qualidade com as crianças é a chave para o bom gerenciamento do ambiente escolar. (NELSEN, 2017).

Ao longo de toda a vida, as crianças precisam da habilidade oral ~~de falar~~ para se expressar e interagir com o mundo, pensando nisso, o ambiente escolar se faz propício para o desenvolvimento destas habilidades e da confiança da criança. Cada pequeno momento do dia a dia ~~escolar~~ na unidade educativa é uma nova oportunidade para auxiliarmos as crianças a desenvolverem suas habilidades de expressão oral. Na metodologia da Disciplina Positiva, somos incentivados a fazer perguntas como ferramenta para que as crianças se expressem da maneira que podem e querem e saibam que estamos ali para escutá-las.

Momentos de brincadeira livre geralmente promovem diversos atritos entre as crianças, seja por conta de disputas de brinquedos, tomadas de decisões, regras impostas entre as próprias crianças na hora de jogarem um jogo etc. Um exemplo que aconteceu comigo recentemente e que me permitiu utilizar das perguntas que a Disciplina Positiva nos incentiva a ter, foi que uma criança estava brincando com outra e houve um desentendimento entre elas que eu não havia acompanhado por inteiro e essa criança veio até mim chorando. Minha primeira atitude foi de acolhê-la, mas logo depois incentivei que ele se acalmasse para que pudesse me explicar mais sobre o desentendimento. Invés de eu tentar adivinhar o desenrolar da história que observei brevemente, esperei que ela se acalmasse e a encorajei a me explicar de maneira clara o que havia acontecido. Partindo do ideal da Disciplina Positiva, essa ação promoveu na criança uma oportunidade de refletir novamente sobre o ocorrido e exercer sua habilidade de contar uma história a partir da fala, pois ela teve que retomar os fatos e me explicar com clareza de palavras. Além disso, essa foi uma nova oportunidade de ela reconhecer em mim e no espaço escolar um lugar que ela pode falar que será escutada ativamente e sem julgamento.

- **Disciplina que ensina**

A Disciplina Positiva preza pelo desenvolvimento infantil a partir de oportunidades que nós, adultos, oferecemos às crianças de vivenciar e experimentar que as permitam evoluir, buscando sempre a conquista da autonomia por parte delas. Para isso, nós devemos buscar controlar nossos impulsos e reações de forma que mantemos a calma, paciência, gentileza e firmeza, até mesmo nas situações que julgamos mais estressantes e tumultuadas.

- **Concentrando em soluções e não em punições**

Na Disciplina Positiva aprendemos que envolver as crianças na resolução dos problemas é mais eficaz do que aplicarmos uma punição. Por conta disso, a violência física, que já foi proibida nas escolas brasileiras, a humilhação, os castigos e retaliações não são opções quando falamos de formas de desenvolver a disciplina e responsabilidade no ambiente escolar.

Na visão de Nelsen, as punições estão longe de ajudarem no desenvolvimento infantil, sendo apenas mais um jeito de reforçar a motivação que gera o mau comportamento. (NELSEN, 2017). Por conta disso, ela propõe o uso das técnicas de consequências lógicas e consequências naturais. (NELSEN, 2015). Essas técnicas têm como objetivo central o desenvolvimento do senso de responsabilidade por parte da criança.

As consequências naturais estão relacionadas com a aprendizagem baseada no que acontece naturalmente ao tomarmos uma decisão. Por exemplo: se eu decido sair na chuva sem guarda-chuva, eu irei ter como consequência ficar molhada. Ou então se eu decido não comer, eu fico com fome. O importante é que a criança ao experimentar essas consequências, o adulto não faça com que ela se sinta culpada proferindo frases como: “eu te avisei.”. (NELSEN, 2015).

Já as consequências lógicas estão divididas em quatro, são elas: consequências relacionadas, consequências respeitadas, consequências razoáveis e consequências reveladas com antecedência.

Para explicar cada uma das consequências, irei exemplificar cada uma delas a partir da situação hipotética de que eu derrubei um copo de suco no chão de casa:

**Consequência lógica relacionada** - se eu derrubei, minha consequência relacionada será ter que limpar.

**Consequência lógica respeitosa** - eu irei limpar, mas não serei humilhada nem serei colocada em uma posição de culpada pelo acidente que aconteceu.

**Consequência lógica razoável** - se eu derrubei o suco na sala, eu não posso ter como consequência limpar a casa inteira, pois não seria condizente com o acidente que aconteceu.

**Consequência lógica revelada com antecedência** - minha mãe me avisou que se eu derrubasse o suco eu teria que limpar.

Trazendo o último modelo de consequência citado para a relação escolar entre o professor e a criança, o professor deve garantir que a criança saiba o que vai acontecer caso ela escolha ter determinado comportamento. (NELSEN, 2015, p. 92-93). Importante salientar que não se trata de uma forma de ameaçar a criança, mas sim de dar a oportunidade para que ela desenvolva a responsabilidade, autodisciplina e cooperação desejada, pois caso contrário a

consequência se transforma em uma forma de punição, atitude essa que não é utilizada na Disciplina Positiva.

- **Estímulo, Incentivo ou Encorajamento**

Assim como a Disciplina Positiva não incentiva o uso de punições em suas práticas, tampouco incentiva o uso de recompensas. A proposta é utilizar da motivação/estímulo para encorajarmos as crianças e ajudá-los a confiarem em si mesmos e perceberem que são importantes para o grupo. Assim, incentivamos os que estão tendo um bom desenvolvimento de habilidades a serem ainda melhores e os que ainda não desenvolveram tanto a continuarem dando seu melhor.

## **6. A relação entre a BNCC e a Disciplina Positiva no cotidiano da Educação Infantil**

Evidências científicas relevantes demonstram que o aumento do nível de conexão que o aluno tem com a escola prevê o sucesso acadêmico. Isso diminui faltas, brigas, *bullying* e vandalismo, enquanto promove motivação educacional, motivação na sala de aula, boa performance acadêmica, alta frequência escolar e alta taxa de graduação. Conexão é a crença por parte do aluno de que os adultos se importam com ele, como indivíduo, e com seu aprendizado. Em outras palavras, para obter sucesso, os alunos necessitam sentir que são “aceitos” na sua escola. (NELSEN, 2017, p. 63)

Como já citado anteriormente neste trabalho, a escola de educação infantil é para muitas crianças o lugar em que terão as primeiras interações e socializações para além de seus ciclos familiares e sob os olhares de seus pais e/ou responsáveis legais. A cada novo dia a criança encontra no ambiente escolar uma nova oportunidade de desenvolvimento e aprendizado que auxilia em seu processo de conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre o mundo em que habita. De acordo com o Art. 29 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996).

Partindo dessa perspectiva apresentada pela Lei de Diretrizes e Bases, podemos refletir sobre o importante papel dos professores, seus métodos e propostas pedagógicas na formação das crianças em indivíduos éticos, críticos e reflexivos. Com o objetivo de direcionar e orientar o trabalho dos profissionais da área da educação, temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo este “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e

progressivo de aprendizagens essenciais que todos as crianças devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”. (BRASIL, 2017, p. 7).

Em conformidade com a BNCC, as crianças devem ser protagonistas de seus aprendizados, tendo participação ativa e voz nos seus processos de aprendizagem. Mas o que ser o protagonista significa? A palavra “protagonista” vem da palavra grega “protagonistes”, ou seja, aquele que se encontra no lugar principal de um acontecimento. Portanto, ter a criança como protagonista de seus processos de aprendizagem, significa que é preciso reconhecê-las como indivíduos de direitos, habilidades e valores individuais, participantes ativos de seus métodos de crescimento e desenvolvimento tanto social quanto pessoal.

Para a Educação Infantil, a BNCC apresenta, em conformidade aos eixos estruturantes do brincar e interagir, os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para que as crianças tenham um contexto adequado para aprender e se desenvolver, são eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A partir destes direitos, deve-se assegurar às crianças um ambiente e propostas em que elas se sintam livres para perguntar, interagir, brincar, errar e buscar novas soluções para a situação, entre outros. Em um ambiente em que já chegamos com propostas e roteiros engessados, preparados e pensados a partir do olhar do professor apenas, temos pouco espaço para que as crianças se arrisquem e tenham liberdade de criar e se expressar, logo tiramos delas o direito de serem protagonistas de seus próprios processos de aprendizagem.

Acredito que a partir das explicações dadas até o momento sobre cada um dos tópicos principais e estruturantes da minha monografia, a Educação Infantil e a Disciplina Positiva, já esteja um pouco clara a ideia de que entre eles há muitos objetivos e concepções em comum. A autonomia e o protagonismo que a BNCC propõe para as crianças é a mesma que Jane Nelsen disserta sobre em seu livro, ambos os documentos valorizam e tem como prioridade a participação ativa da criança nas tomadas de decisões. A Disciplina Positiva consegue, então, desdobrar as competências gerais da BNCC na relação com a criança, porque sem conexão não há aprendizagem. Ou seja, podemos dizer que a BNCC é um conjunto de normas escritas e teóricas, já a Disciplina Positiva é um conjunto de ferramentas práticas que ajudarão o docente a colocar essas normas em experiências no dia a dia.

Existem dois processos indissociáveis e complementares na educação das crianças pequenas: o cuidar e o educar. Nesta faixa etária faz-se necessária a segurança, atenção e carinho, além de experiências sociais, que as permitem desenvolver e aprender. A visão do docente, contudo, é separada em algumas instituições entre auxiliares e professores, onde os

professores têm a função de educar e os auxiliares de cuidar. Esta visão acaba afastando o professor do ato de cuidar e o auxiliar – aquele que alimenta, dá banho, troca fralda – não sendo considerado apto a educar. (ROSSETI-FERREIRA, 2001).

No documento de Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil é citado o seguinte trecho:

[...] O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino. Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto...” “... Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis. Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas, etc.) e construírem sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças (BRASIL, DCNEI, 2009 p. 10).

Logo, deve-se compreender a Educação Infantil como um espaço educacional cujo papel é de, indissociavelmente, educar e cuidar das crianças pequenas juntamente com as famílias que compõem tal comunidade escolar. Por esta perspectiva, a formação acadêmica continuada do profissional da E.I. faz-se imprescindível, uma vez que o cuidar e o educar devem estar presentes nas práticas e propostas pedagógicas do dia a dia.

Refletindo sobre esta prática pedagógica que visa as competências socioemocionais das crianças e as relações positivas no ambiente escolar, sinto que a formação profissional pedagógica, como a que eu tenho experimentado ao longo dos últimos quatro anos na UFRJ, ainda deixa a desejar.

Há necessidade de uma qualificação e capacitação continuada dos professores na área socioemocional, pois grande parte de nós não sai com essas ferramentas da Universidade. Este déficit deixa em aberto uma lacuna na atuação profissional docente, uma vez que na relação com a criança são dois seres humanos em diálogo, que precisam aprender juntos a resolução de conflitos de forma pacífica e assertiva, que precisam aprender juntos a conviver e mutuamente se respeitar. Muitos educadores saem da faculdade ainda munidos de ferramentas que

aprenderam no seu tempo de escola e configurações parentais de disciplina e educação que, por mais que as intenções tenham sido as melhores, ainda estavam ligadas ao modelo de obediência, a um adulto que manda e a uma criança que obedece. Digo isso como aluna de Pedagogia que quando teve suas primeiras experiências em um ambiente escolar foi com o que acreditava ser o certo por conta das experiências de educação que vivenciou ao longo de toda a vida e por não ter tido debates sobre a importância das relações e interações socioemocionais positivas com as crianças. Debates como esses foram feitos poucas e rápidas vezes ao longo de toda a minha formação, onde a maioria delas ocorreu com professoras da área da Educação Infantil, sendo necessária a busca autônoma por um entendimento e uma metodologia que me permitisse levar à docência por uma perspectiva mais acolhedora, positiva e colaborativa.

A Disciplina Positiva deve ser apresentada e trabalhada não como um novo caminho para que venhamos construir e repensar a Educação Infantil, mas sim uma nova filosofia para que possamos repensar nossas práticas pedagógicas e reforçar os objetivos da Educação Infantil. Isso significa que a perspectiva da Disciplina Positiva pode apoiar a ação docente na implementação da proposta da Educação Infantil brasileira, dando à criança a oportunidade de se expressar e, em interação, fomentar o respeito entre os envolvidos. Este tipo de atitude contempla o protagonismo da criança e da/o professora/or. Por conta disso, trago como conclusão deste trabalho algumas sugestões práticas de como podemos agir no ambiente escolar através da perspectiva da Disciplina Positiva e das sugestões apresentadas por Jane Nelsen no livro referência da monografia.

### **Ferramentas da Disciplina Positiva: sugestões práticas para os profissionais da educação.**

- **Contribuição:** As crianças se sentem aceitas (conectadas) e importantes (capazes) quando têm a oportunidade de contribuir.
  1. Pense em todas as coisas que você faz que poderiam ser realizadas pelas crianças (organizar uma parte da sala, recepcionar os colegas na porta, ajudar algum amigo que precisa realizar uma proposta pedagógica). Atribua essas tarefas às crianças.
  2. Aprecie verbalmente o quanto eles contribuem para a atmosfera positiva da sala.
  3. Envolver as crianças sempre que possível. “Estamos tendo um problema com a hora da leitura e esperar a vez de falar. Preciso da ajuda de vocês para resolver esse desafio.”



- **Gentil e firme:** Não é ser gentil ou firme, mas ser gentil e firme.
  1. Muitos professores tendem a ser muito gentis ou muito firmes. É preciso pensar e ter autocontrole para ser gentil "e" firme ao mesmo tempo. Exemplos: “Eu sei que você prefere o intervalo, "e" eu gostaria que você fizesse isso agora comigo”, “Eu sei que você preferiria usar seu tempo no parquinho, "e" agora é hora da leitura”,
  2. Diga as crianças que não há problema em sentir o que sentem, mas o que fazem nem sempre é aceitável. "Você pode sentir raiva “e” não pode machucar os outros."
  
- **Olho no olho:** Aumente a conexão e o respeito ao se comunicar olhando nos olhos da criança.
  1. Talvez você tenha que se ajoelhar ou se sentar para ficar no mesmo nível do olhar da criança.
  2. É difícil ficar bravo quando você para o que está fazendo e dedica um tempo para assumir uma postura respeitosa.
  3. Note que os seus sentimentos mudam e que você fala mais suavemente.
  4. A energia é contagiosa. As crianças irão responder mais favoravelmente quando a sua energia for positiva.
  5. Cuidado: observe e lembre-se que em algumas culturas o contato visual direto, "olho no olho", é considerado desrespeitoso.
  
- **Tom de voz:** O seu tom de voz vale mais do que as suas palavras.
  1. A neurociência mostrou que as crianças respondem mais ao tom da voz de um adulto do que às palavras que estão sendo ditas.
  2. O seu tom de voz mudará se você se sentar ou ficar de pé (ou ajoelhar), de modo que possa ficar na altura dos olhos da outra pessoa ("olho no olho").
  3. Pense no seu objetivo em longo prazo de encorajar e empoderar as crianças e fique atento ao seu tom de voz.
  4. Seja gentil com você mesmo e reserve um tempo para respirar (ou fazer uma pausa mais longa, se necessário) antes de falar.

5. Não há problema em pedir desculpas se você usou um tom de voz desrespeitoso. As crianças são muito generosas e perdoam com facilidade.
6. Esteja ciente de sua expressão facial e de toda a sua linguagem corporal.

Uma citação que julgo importante sobre esta ferramenta e com alto poder de reflexão presente no livro é a seguinte: “Quando eu critico meus alunos, eu falo alto o suficiente para os outros ouvirem. Quando tenho algo gentil a dizer, digo em um tom de voz tão suave que os outros normalmente não conseguem ouvir.” (NELSEN, 2017, p. 68)

- **Escolhas limitadas:** Ofereça escolhas adequadas e aceitáveis.
  1. Ofereça pelo menos duas possibilidades que sejam boas para você. Exemplos:  
“Você quer ler este livro ou o que você trouxe de casa durante o tempo livre hoje?”, “O que o ajudaria agora: ficar um pouquinho sozinho, ou aqui juntinho de mim até você se acalmar, ou você prefere conversar agora?”, “Você gostaria de se sentar aqui ou ali?”.
  2. Se uma criança sugerir algo diferente das escolhas determinadas, responda respeitosamente dizendo: "Essa não foi uma das opções. Qual das duas opções funciona melhor para você?"
- **Conexão antes da correção:** Estudos têm mostrado que o vínculo com a escola é o fator principal para o desempenho acadêmico.
  1. Conectar antes de corrigir é a melhor maneira de promover a mudança de comportamento. Exemplos:  
CONEXÃO - Valide os sentimentos: "Vejo que você está frustrado e bravo"  
CORREÇÃO - "Tudo bem você estar se sentindo assim, mas você não pode bater. O que mais você poderia fazer?"  
CONEXÃO - Verbalize o afeto: "Eu me importo com o que você tem a dizer"  
CORREÇÃO - "Vamos reservar um tempo para sentarmos juntos e pensarmos em soluções que sejam respeitadas com todos."
  2. Reuniões de classe são uma das melhores maneiras de ajudar as crianças a desenvolverem o senso geral de conexão (pertencimento).

- **Faça o inesperado:** Evite agir de acordo com o seu primeiro impulso, prenda a atenção e o interesse das crianças fazendo algo imprevisível.
  1. Diminua as luzes e coloque uma música suave para ajudar as crianças a descansarem e conseguirem focar novamente.
  2. Sussurre até que você tenha a atenção de todos.
  
- **Saiba escutar:** As crianças irão escutar você DEPOIS que se sentirem ouvidas.
  1. Observe quantas vezes você interrompe de forma defensiva, dando explicações ou conselhos.
  2. Escute como se o que a criança está dizendo fosse sobre ela, não sobre você.
  3. Não há problema em fazer perguntas que convidam a criança a ir mais a fundo: "Você pode me dar um exemplo?", "Mais alguma coisa?", repita, "Mais alguma coisa?" até que ela diga: "Não".
  4. Depois de ouvi-la, pergunte se essa é uma questão que poderia estar na pauta da reunião de classe para que ele receba mais ajuda. Respeite a escolha da criança.

## 7. Considerações finais

Na metodologia pedagógica apresentada por Nelsen (2017) valores ligados à responsabilidade do professor envolvem o senso de liderança e orientação a partir de um viés humano e não violento. A partir desta nova visão do que é liderar uma sala e lidar humanitariamente, podemos compreender novas didáticas que incitem o desenvolvimento pessoal, as relações interpessoais perpassantes aos muros da escola e a relação de ensino-aprendizagem. Porém, a adesão desta metodologia no ambiente escolar demanda estudos e disposição por parte de professores e gestão, uma vez que todos precisam estar alinhados sobre a mesma perspectiva para que saibam agir e intervir da melhor maneira com as crianças.

Quando agimos a partir de uma metodologia violenta, geramos experiências negativas em nossas crianças, causando muitas vezes uma associação involuntária entre o erro e a humilhação, afastando-as da visão de que os erros são importantes para o nosso crescimento e para a aprendizagem. Acredito que uma caracterização completa da metodologia da Disciplina Positiva pode ser dada pelo entendimento da seguinte frase: é possível impor limites sem oprimir, humilhar ou punir os comportamentos das crianças, tendo assim um ambiente

acolhedor e seguro onde o errar/falhar não gera frustrações e sim impulsionamento para buscar novas soluções.

## 8. Referências

- American Academy of Pediatrics (2002). **The psychological maltreatment of children-technical report**. Pediatrics, 109,1-3.
- ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- BRASIL. 13.010/2014. **Lei Menino Bernardo**, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.
- \_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1994.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Coordenação Geral de Educação Infantil, v. 1 e 2. Brasília, DF: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998a.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- DE FREITAS, Maria Luisa de Lara Uzun & De Assis, Orly Zucatto Mantovani. **Os aspectos cognitivo e afetivo da criança avaliados por meio das manifestações da função simbólica**. Ciência & Cognição 2007; Vol 11:91-109 <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v11/v11a08.pdf>> Acesso em: 07/07/2022.
- DIDONET, Vital. **Creche: a que veio, para onde vai**. In: Educação Infantil: a creche, um bom começo. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001. p.11-28.
- FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento; RISTUM, Marilena. **A violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem**. Psicol. educ. [online]. 2012, n.34, pp. 104-126. ISSN 1414-6975.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (Org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2000.

HARMS, Thelma. **Escala de avaliação de ambientes de educação infantil (crianças de 3 a 5 anos): ECERS-3** / Thelma Harms, Richard M. Clifford, Debby Cryer; coordenação Eliana Bhering; tradução Lisa Santana, Guilherme Nascimento. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2019.

NELSEN, Jane; LOTT, Lynn; GLENN, H. Stephen. **Disciplina Positiva em sala de aula: Como desenvolver o respeito mútuo, a cooperação e a responsabilidade em sua sala de aula**. Trad. Bete P. Rodrigues e Fernanda Lee. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2017.

NELSEN, Jane. **Disciplina positiva**. 3.ed, São Paulo: Manole, 2015.

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PROPÕEM AS NOVAS DIRETRIZES NACIONAIS?**. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

OLIVEIRA, Z R, e colegas. **O Trabalho do Professor na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Biruta. 2014.

**POSITIVE DISCIPLINE ASSOCIATION**. About Positive Discipline. Disponível em: <<https://www.positivediscipline.com/about-positive-discipline>>. Acesso em: 08/07/2022.

ROSENBERG, Marshall. *Nonviolent communication. A language of life*. California: PuddleDancer Press, 2003. (traduzida no Brasil pela Editora Ágora, 2006.)

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana**. São Paulo: SME /DOT, 2016. Disponível em: [https://www.sinesp.org.br/images/9 -  
\\_INDICADORES\\_DE\\_QUALIDADE\\_NA\\_EDUCACAO\\_INFANTIL\\_PAULISTANA.pdf](https://www.sinesp.org.br/images/9_-_INDICADORES_DE_QUALIDADE_NA_EDUCACAO_INFANTIL_PAULISTANA.pdf).

Acesso em: 02 jul. 2022.